



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista com Silvano Santiago

Portal Literal

Rio de Janeiro (RJ) · 25/8/2008

Disponível em: <http://portal.literal.terra.com.br/artigos/ocaminho-da-literatura>

Acesso em 4 mar. 2010.

O caminho da literatura

Por Giovanna Bartucci *

Publicado originalmente por Giovanna Bartucci* em 29/07/2005.

Em entrevista para o Portal Literal, Silvano Santiago fala da ficção como liberdade acima de todos os gêneros e da crítica como cartografia da multiplicidade

Premiado por três vezes com o Prêmio Jabuti nas categorias romance e conto, e também com o Prêmio Artur Azevedo, da Biblioteca Nacional, membro eleito do Pen Club International, com traduções de obras suas publicadas na França, nos Estados Unidos, na Itália, na Argentina, o escritor Silvano Santiago lançou *Histórias mal contadas* (Rocco, 198 páginas, R\$ 26), seu terceiro livro de contos. Um de nossos mais importantes intelectuais, com atividades docentes no Canadá, nos Estados Unidos e na França, professor aposentado na Universidade Federal Fluminense, Silvano Santiago foi também agraciado Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques e Officier dans l'Ordre des Arts et Lettres, pelo governo francês. Publicou, no ano passado, *O cosmopolitismo do pobre* (Editora UFMG), importante livro de ensaios voltado à crítica literária e cultural. Aqui, no entanto, o escritor – que se autodenomina "um produtor de textos" – fala sobre a literatura e a sua função na pós-modernidade, sobre o exercício de criação e as artes, sobre a liberdade e o futuro.

Literatura com ele maiúsculo ou com ele minúsculo?

Silviano Santiago. As duas, ou as três ou as cinco manifestações de "literatura", porque há que levar em conta também os produtos artesanais, os da internet e as mercadorias da grande indústria editorial. Vivemos uma época de inclusão e não de exclusão, exatamente porque é dessa forma estrambótica que se articula uma liberdade retórica com gênero gender a uma crítica tanto à definição do produto-em-escrita-fonética como sendo apenas mercadoria quanto ao domínio todo-poderoso do mercado como mecanismo hegemônico de valorização. Alguns outros ainda querem se manifestar e rezar pelas belles lettres, outros mais querem deixar que o corpo tatuado pela atualidade lance palavras lancinantes na folha de papel. Outros, finalmente, querem viver dos direitos de autor, embora sabendo que o quente no mundo neoliberal são os direitos de cópia. A multiplicidade fragmentada é um dado empírico na pós-modernidade, passar por cima dela é manobra de jamanta. Por isso é que, a não ser nos momentos extremados de lucidez, os chamados críticos e historiadores tornamo-nos evidentemente cartógrafos como outros, antigamente, foram hábeis no manuseio do arco e flecha e outros mais nos floreios da esgrima.

Os escritores da velha e tradicional literatura (a que se diz com L maiúsculo) somos seres pacíficos e melancólicos. Alçamos a voz para dizer, no contrafluxo, que é bom que a grande tradição literária do ocidente continue a dar frutos. Há que acreditar que o livro de literatura é objeto muito especial na pós-modernidade. Sem efeitos sociais visíveis, mais para as profundidades abissais do túmulo de Edgar Allan Poe (ver o poema de Mallarmé), do que para o bem-querer da indústria editorial. A grande literatura vive de aparas (de papel) e de sobras (no lucro das empresas) e, por isso, sua inserção no mercado e na atualidade já vem à luz guilhotinada. A beleza fúnebre do cadáver se mescla com a intensidade e a complexidade na significação. A livraria que oferecer apenas livros da grande literatura é um lugar de visita pública, semelhante a um cemitério, onde foram depositadas as flores da teimosia.

Que função você atribui à Literatura? Ou às literaturas, nesse século XXI?

Silviano. Por incrível que pareça, por paradoxal que possa parecer, é na era do computador e da internet que estamos saindo do século da imagem por excelência, o XX. E dele estamos saindo com grande respeito pela linguagem fonética. Quando

tudo parecia que sobreviveríamos no século XXI para nos comunicar por sinais e agressões, tal trogloditas, descobrimos que por detrás de filmes fascinantes há scripts mais fascinantes ainda. Já que abrimos o leque das possibilidades literárias, é preciso continuar alargando a sua abrangência, percebendo o que há de "literatura" tanto no teatro contemporâneo e nas telenovelas, quanto nos sitcoms e nos blogs, tanto nas artes plásticas quanto na música popular e erudita. Percebendo, ainda, o que há de literatura na recorrência fundamentalista, ou não, dos escritos religiosos. Sinto-me totalmente ridículo hoje por não ter percebido a qualidade literária, por exemplo, de Hélio Oiticica, no momento em que, em Nova York, rabiscava os seus planos com imagens e palavras, elaborava os seus projetos conceituais, escrevia suas heliotapes, e assim por diante. Sinto um grande alívio ao poder perceber hoje que existe uma qualidade literária nos trabalhos de Rosângela Renó. Esse alívio sinto-o só agora porque só neste momento é que me tocou pensar que o século XXI, ao postular as possibilidades infinitas da "literatura", está deixando com que possamos exauri-las com deleite e fervor, já que sabemos – e como! – que não podemos exaurir o muito que nos promete a verdadeira felicidade. Sem utopia, há uma benesse que advém da anarquia do infinito. Essa é a função abusiva e perigosa da literatura, das literaturas no século XXI – solicitar que se mame desse caldo literário anárquico e verborrágico, que pode nos conduzir a nada e pode nos incitar ao desejo de pôr ordem, encaminhando o novo milênio para o vácuo estreito da razão e da paz.

Literatura gay? Literatura feminina?

Silviano. Todas as vezes que você adjetiva alguma forma de arte, você está tendo interesse em falar de outra coisa. Quem enuncia a expressão adjetivada está mais interessado naquilo que o adjetivo carrega. Vamos a um exemplo simples. Literatura parnasiana, simbolista ou modernista – trata-se de evidente cacoete acadêmico. Condiciona o estudo e ensino das letras a uma configuração das sucessivas fases da história literária, segundo o estilo dominante nessa ou naquela época. Ultrapassam-se as fronteiras nacionais, ocidentaliza-se a noção de literatura, transformando-a em belles lettres. Enxerga-se o conjunto como parte do "universal", passível de ser dividido, catalogado e interpretado nacionalmente através de metodologia cujo fundamento estético é dado pela estilística.

A literatura feminina e a literatura gay, bem como a literatura étnica, se adjetivam por razões que a razão literária até então desconhecia. Usam o adjetivo de maneira pérfida, para

sabotar. O adjetivo passa a não ter importância qualitativa ou restritiva, servindo antes para desconstruir três dos conceitos acima esboçados: ocidentalização, universal e belles lettres. São adjetivos que, aliados aos que carregam a noção de etnia, colocam contra a parede a instituição ocidental conhecida como Literatura, que sempre teve pretensões universalistas, etnocêntricas e falocêntricas. Teremos de conviver (nós, os velhos, teremos de aprender a conviver) com a liberdade retórica COM gênero, etnia e preferência sexual. A produção literária passa a se relacionar de modo confessional e lírico com a linguagem, retirando sua força não das firulas do cânone, mas da experiência libertária de corpos multicoloridos, sexuados e sofridos na pele, que vivem e sobrevivem na diferença.

A criação: "um exercício constante (e cotidiano) da imaginação em liberdade"? Liberdade?

Silviano. Para o artista, o conceito de liberdade tem pouco a ver com o vôo do pássaro pela imensidão azul, tem mais a ver com a beleza pujante da flor, que, desprovida da haste que a liga à planta, fenece, perde a pulsão vital, vira forma. Em outras palavras, para o artista o conceito de liberdade só tem sentido se oposto ao conceito de norma, de onde retira a sua força e beleza. A liberdade, portanto, é uma força do contra. Num romance meu, *Em liberdade*, chamei-a de forma-prisão, porque nascida e dependente duma margem, que eram os escritos carcerários de Graciliano Ramos. Estes serviam como ponto de apoio e de arremesso da minha própria escrita em liberdade. A liberdade é força dependente e ativa, dependente da norma e, no entanto, questionadora dela. O grau de independência da liberdade artística se mede pelo grau de transgressão à norma que a obra consegue articular. Não existe, portanto, liberdade sem cordão umbilical, a não ser numa sociedade totalmente anômica, ocasião em que tudo seria permitido e, por isso mesmo, desnecessário o conceito. Por tudo isso, a liberdade é produto dum exercício constante e cotidiano da imaginação criadora em sociedades que se afirmam pelo cárcere dos costumes, do preconceito, da intolerância e das leis. Fora disso, ela é a peça retórica mais chique do liberalismo, ombreando com a fraternidade e a igualdade.

Como a experiência de Eduardo, personagem seu em *Stella Manhattan*, romance de 1985. De qualquer forma, explicita um pouco mais, por favor, o que você entende por "qualidade literária".

Silviano. Na expressão proposta para discussão, direi que cada

vez mais o substantivo (qualidade) é mais importante do que o adjetivo (literária). Enfatizar a "qualidade" significa, por um lado, dar maior importância ao leitor do que ao consumidor, num processo de sabotagem das teses hegemônicas sobre a cultura na sociedade pós-moderna e neoliberal, que García Canclini tem espalhado pelo Brasil e os livros de Paulo Coelho consagrado. O desequilíbrio entre o adjetivo e o substantivo traduz, ao mesmo tempo, uma atitude de despudor estético, de tolerância artística, já que importa cada vez menos se o objeto analisado é dependente, ou não, da "tradição literária", tal como instituída pela civilização ocidental ao longo dos séculos.

Como tentei propor em resposta anterior, a noção canônica de literatura, ao se transformar na modernidade em produção textual – e com ela se confundir –, trouxe uma abertura para a compreensão analítica da caracterização das rapidíssimas transformações pelas quais o fenômeno literário vem sofrendo na complexa atualidade artística e tecnológica. A última e mais popular das mutações no campo da produção textual leva o nome de blog, e tem como suporte, não mais o livro, mas o monitor do computador. As mutações que a noção da produção textual traz para o espaço canônico da literatura são de tal modo impulsionadas pela velocidade (qualidade por excelência dos tempos modernos desde os manifestos futuristas) que fica difícil de fazer o mapeamento das várias formas textuais que surgiram como literárias e/ou artísticas e permaneceram ou desapareceram.

Sem dúvida, em toda essa complexa e pouco mapeada e menos ainda analisada questão, há que dar destaque para a disseminação do computador entre os jovens letrados, sofrendo a "literatura" um toque de subjetivação, periodicidade e permissividade, que tinha sido perdido, desde fins do século XIX, com a sua expulsão do primeiro caderno dos jornais. Não apenas está se modificando o quadro clássico da produção textual, que importava a passagem obrigatória do texto pelo parque editorial, como também e principalmente modifica-se o quadro clássico da divulgação do produto, tendo a passagem obrigatória pelo comércio das livrarias sido substituída pelo passeio do leitor pelas auto-estradas da internet, seqüestrando para si o texto alheio. Desde as ousadias da chamada geração mimeógrafo, nos anos 1970, nunca a produção e o comércio do livro (da produção textual) tinham passado tão ao largo dos produtores e divulgadores hegemônicos do produto. Os meios de comunicação de massa tradicionais, com a disseminação popular do PC e da internet, estão sendo obrigados a encarar a atitude revolucionária que se consolida no produzir e divulgar a literatura. Produção e disseminação do texto no cotidiano das pessoas abalam os sólidos alicerces que foram

plantados por anos e anos de "desliteraturização" nos meios de comunicação de massa.

Em relação ao cinema? Ou, ainda, às artes em geral?

Silviano. De maneira geral, a análise sugerida acima pode servir de guia. No entanto, há uma diferença fundamental entre o campo da literatura e das artes da imagem. Refiro-me à entrada em cena do museu nas metrópoles. Vamos a algumas pinceladas. No tocante ao cinema, o museu substitui o amadorismo idealista do cineclubes e, no tocante às artes plásticas, minimiza o poder jubilatório da comercialização dos objetos artísticos pelas galerias de arte. Em ambos os casos, repare que a ênfase na qualidade é mais importante do que a ênfase nos respectivos modelos estéticos canônicos, ou seja, a ênfase no papel do espectador é mais importante do que a ênfase nos valores definidos pela tradição estética. Por outro lado, também se questiona a passividade do consumidor pós-moderno, entregue hoje, no caso do cinema, ao comércio fácil e rendoso dos vídeos e dos DVDs.

Exemplos não nos faltam. Ainda no caso do cinema, graças ao museu, há o retorno ao nosso dia a dia da produção dos curtas-metragens, cada vez mais experimentais numa arte que mais e mais exigia o capital como fundamento e jogava totalmente para escanteio a graça das ousadias formais que a vinham acompanhando desde as vanguardas históricas. O velho cineclubismo, por ter sido sustentado pelos pilares do culto aos valores puros da sétima arte e por não ter conseguido desenvolver uma ponte com a universidade, era o próprio reino da adoração. Aliado às escolas de cinema, o museu tem podido dispensar aos jovens cineastas um espaço de divulgação do seu material que realmente nos obriga a rever os limites determinados e cicatrizados pelo cinema comercial.

Em artes plásticas, a ênfase na qualidade do projeto e não na pureza canônica do produto tem sido solidificada não só pela abertura dos museus (em particular os brasileiros) para a exibição de arte contemporânea, como também pela revolução que as artes plásticas sofreram desde Lygia Clark e Hélio Oiticica ao se abrirem para a fruição comportamental pelo espectador. Ao questionar o suporte do quadro e do prego na parede, ao questionar os fundamentos da lei da gravidade e do chão, os objetos artísticos, à semelhança do que propunha Calder, ganharam a insustentabilidade do ar como suporte, exigindo que o espectador passasse por experiências que lhe eram propostas pelos objetos e/ou pelo artista. As reações conservadoras ao trabalho extraordinário dos museus no campo das artes

plásticas têm levantado as vozes de alguns críticos, que não suportam ver as salas das instituições tomadas pelas instalações. Curioso é que os amantes de cinema entendem perfeitamente o bric-à-brac que se passa nas salas de cinema dos museus.

E qual a função do intelectual nesse século XXI?

Silviano. Há intelectuais e há artistas. Na maioria das vezes estamos diante de personalidades completamente diferentes. Muitos intelectuais são artistas e muitos não o são. Muitos artistas são intelectuais e muitos não o são. Tomo a sua pergunta ao pé da letra e deixo na berlinda apenas os intelectuais.

Sua função hoje está comprometida pela sua formação. Não imagino que surja nos nossos dias alguém como Jean-Paul Sartre, que ao final da Segunda Grande Guerra defendeu a idéia de que o existencialismo era um humanismo. A consagrada formação humanista, que é sustentáculo da idéia de universidade, ruiu nas últimas décadas com o avanço da especialização e da tecnologia, tanto entre as ciências hard quanto entre as ciências sociais e humanas. O exercício, ou seja, a função do médico pode servir de exemplo concreto, levando em conta, de um lado, o papel extraordinário desempenhado pela fragmentação do saber pela especialização e, do outro, pela grita geral dos clientes ao clamarem pelo retorno dos generalistas. Analisado de perto, o clínico não é mais detentor do poder do diagnóstico. Nos casos mais complexos, ele apenas detecta o problema e encaminha o cliente para o diagnóstico do especialista. No fundo, ele detém a melhor caderneta de endereços da cidade, do país ou do planeta terra.

No campo das ciências sociais, o intelectual humanista foi também substituído pelo especialista. Isso graças às exigências do próprio funcionamento interno das universidades, que contraditória e paradoxalmente passaram a exigir maior rigor científico na análise do detalhe. O fenômeno pode ser visto de maneira concreta no manuseio das velhas revistas universitárias, que se abriam com ensaios filosóficos e continuavam por matérias que tentavam cobrir o todo das ciências humanas e sociais, e no contraste delas com as novas revistas universitárias, cada vez mais orientadas por um setor do conhecimento e para um leitor pré-determinado.

O fenômeno trouxe um desgaste enorme para a função do intelectual, tal como fora instituída e consagrada no início do século XX pelo famoso affaire Dreyfus. Um dos casos atuais mais

notáveis é o do lingüista Noam Chomsky. Ele não é requisitado pela imprensa e pelas editoras para falar de lingüística, campo em que seu saber é inquestionável. Ele opina e fala sobre a presença nefasta da economia e da política norte-americanas no mundo globalizado. Como disse Maurice Blanchot, em resenha de livro que coletava as várias contradições e vitórias do intelectual dreyfusiano, é em virtude do reconhecimento público ao alto nível do saber especializado, que alguns intelectuais ganham autoridade para falar indiscriminadamente sobre todos os assuntos que o tocam direta ou indiretamente, muitas vezes expressando a sua opinião através da assinatura em manifestos a favor dessa ou daquela grande causa. Entre nós, Oscar Niemeyer é o último e o mais notável dos intelectuais dreyfusianos. Chico Buarque já se mancou e mantém discreto silêncio sobre as questões gerais. Em entrevista ao programa "Hardtalk", da BBC, o cineasta Sidney Pollack deu-nos exemplo do uso que os conservadores estão fazendo de intelectuais (no caso, também cineastas) norte-americanos que seguem a tradição dreyfusiana. Pollack informou ao entrevistador que, na cidade de Los Angeles, existe um gigantesco outdoor em que a direita conservadora de Hollywood agradece (sic) a Susan Sarandon, Sean Penn e Michael Moore pelo papel que desempenharam na reeleição de Bush.

Os meios de comunicação de massa do ocidente, em especial as televisões a cabo, têm procurado minimizar o desgaste sofrido pelo intelectual dreyfusiano junto ao público carente de um pensamento pluralista e democrático. Dessa forma é que estão abrindo espaço (o jogo está no próprio título do programa do canal 40, "Espaço aberto") para a fala de especialistas que têm o dom da comunicação do seu conhecimento especializado ao grande público. Nos Estados Unidos, esses intelectuais são hoje qualificados de "públicos". Intelectuais públicos. Para entendê-los melhor, basta comparar a figura e a função de Chomsky, enquanto lingüista e intelectual, com o grande especialista em matéria do Oriente Médio e da Palestina que é Edward Said (recentemente falecido). Said era capaz de destrinchar situações complicadíssimas e distantes para muitos de nós num estilo acessível a todo e qualquer espectador curioso e inteligente. Um especialista que, quando solicitado para a fala pública e/ou pelos meios de comunicação de massa, é capaz de manejar vocabulário e sintaxe não-especializados.

Seria essa a função do intelectual no século XXI? Quem não morrer, verá.

Utilizando-se de uma lente grande angular, você focalizaria o futuro? Como você o faria, e como você o vê?

Silviano. Sou um otimista sem convicção, vale dizer, quase um pessimista. O resto subentende-se.

** Giovanna Bartucci é psicanalista e ensaísta, Dra. em Teoria Psicanalítica, membro efetivo do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; organizadora da coleção Psicanálise e estéticas de subjetivação (Imago), e autora, dentre outros, de Fragilidade absoluta. Ensaíos sobre psicanálise e contemporaneidade (Planeta, no prelo).*